

Simone Guidi, *Baroque Metaphysics. Studies on Francisco Suárez*. Palimage: Coimbra, 2020, 303 pp. ISBN: 978-989-70-3257-8.

O autor da presente monografia, Simone Guidi, foi, primeiro, bolseiro de pós-doutoramento na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, e, até há pouco, professor auxiliar da secção de Filosofia da mesma Universidade. Desde então até hoje, S.G. é membro integrado da Unidade de Investigação & Desenvolvimento “Instituto de Estudos Filosóficos” (IEF) e investigador do CNR-ILIESI em Roma. Importa esta apresentação porque *Baroque Metaphysics* foi escrita e publicada no quadro da Unidade que, como se sabe, é o único centro da Faculdade de Letras inteiramente consagrado à pesquisa filosófica. O título surge, aliás, como apenas uma marca mais no quadro da inquestionável produção internacional do IEF. Está em análise a obra de Francisco Suárez, distinto professor da Faculdade de Teologia da Universidade de Coimbra durante cerca de dois decénios (1597-1617), a qual impressiona pelo número de estudos monográficos que continua a suscitar e cuja expansão internacional é igualmente deveras notável. Ainda em 2020 a Imprensa da Universidade de Coimbra publicava, sem pedir meças a tantas outras prestigiadas editoras estrangeiras, mais um título internacional sobre o teólogo granadino, coimbrão e europeu – *Francisco Suárez: Metaphysics, Politics and Ethics/ Francisco Suárez: Metafísica, Política e Ética* Francisco Suárez: *Metafísica, Política y Ética* – que recebeu também o cuidado editorial de Simone Guidi. Por isso, publicar e escrever sobre Suárez é um risco, mas fica patente que o autor da presente obra, graças ao trabalho de pesquisa que vem realizando, se conta entre aqueles que se encontram cada vez mais autorizados – no étimo medieval de “auctor” – a um trabalho desta envergadura. Particularmente à-vontade nas problemáticas que constituem o coração deste livro, há mesmo, se compararmos esta contribuição do autor com as demais congéneres europeias, um ponto merecedor de destaque, para nós. Referimo-nos ao facto de entre os seis dos capítulos de *Baroque Metaphysics*, em mais de metade deles a obra de Suárez ser, por vezes, uma ocasião para o confronto com a de um outro imponente metafísico coimbrão e europeu, Pedro da Fonseca. Tal procedimento é inteiramente justo e acertado. Não obstante as chamadas de atenção para o facto da obra metafísica deste último anteceder a de Suárez, reparos frequentemente feitos por António Martins em muitos dos seus trabalhos sobre Fonseca, nem sempre os estudiosos costumam pagar o necessário óbulo a semelhante reconhecimento.

Escusado seria dizer, Simone Guidi está isento desta pecha. Também neste reconhecimento Francisco Suárez surge, ao mesmo tempo, como um pensador inovador e continuador, mas esta figura de Janus só pode ser devidamente reivindicada por quem, como S.G., dá provas de conhecer bem o contexto filosófico em que Suárez interveio e ter uma propensão inabitual para a exegese deste género de textos e problemáticas. No título escolheu dar-se destaque à “metafísica” – já voltaremos ao problema da sua adjetivação – mas ela é apenas o gonzo para os leitores poderem chegar a uma forma mais precisa do título disciplinar e literário, o qual congregava, naqueles tempos, a psicologia, a noética, a doutrina da quantidade e até mesmo a angelologia, matéria, esta última, na qual S.G. é igualmente indiscutível autoridade. A sua competência e conhecimento aturado da tradição são, neste último tema, exemplares e, por isso, esta monografia é um contributo mais a somar aos de Jacob Schmutz, Emanuela Scribano, Mattia Geretto e, mais remotamente embora, de Barbara Faes de Mottoni. Para quem tem apenas uma ideia vaga e genérica da “metafísica” a surpresa de temas e problemas quejandos poderá ser decerto um acicate para se inteirar de um complexo teórico que, como se disse acima, herda uma tradição, recolhe-a em diálogo inteligente e fecundo, e lega-a à modernidade. Havia e há que seguir este filão para se ir precisando o que a teologia e a angelologia vieram no fim de contas fazer à modernidade. O último capítulo, “Suárez’s Entitative Extension and its Reception Until Descartes”, é, neste particular, deveras ilustrativo, mas a figura de Descartes (tal como inevitavelmente também as de Tomás de Aquino e João Duns Escoto) é ali tão relevante como a de Pedro da Fonseca. Aliás, o mesmo tipo de sondagem a uma tradição habitualmente mais recalcada quando se trata de atender ao autor do *Discurso do Método*, havia já sido exemplarmente levada a cabo por S.G. num importante título de 2018, publicado em Roma, *L’angelo e la macchina. Sulla genesi della ‘res cogitans’ cartesiana*. Mas voltemos a *Baroque Metaphysics*. O seu primeiro capítulo ocupa-se de um debate relativo à ordem do conhecimento (científico e não científico) e compara sobretudo os nossos dois importantes jesuítas, nas suas afinidades e diversidades, um deles – Suárez – considerado mais escotista e valorizador do papel da metafísica (pp. 21-75). Para contrariar, em parte, a tónica essencialista da doutrina da verdade em Suárez, os capítulos segundo (pp. 77-113) e terceiro (pp. 115-153), deixam-nos bons argumentos e réplicas possíveis a tomar em consideração, sobretudo frente àqueles que leem Suárez à luz da propalada tese outrora desenvolvida por Jean-François Courtine. Dois capítulos imediatamente seguintes pertencem especificamente à angelologia, mas uma vez mais se adverte o leitor menos afeito a estes horizontes epocais que tal era uma oportunidade para se discutir filosoficamente tanto a noética (pp. 155-184), quanto, além desta, também o anúncio da psicologia, do cartesianismo, até mesmo do leibnizianismo (pp. 185-229). A dificuldade e complexidade destas relações estende-se também à noção de “res extensa” e aqui a finura exigida pela exegese do autor foi a tal ponto que ele pôde estabelecer a versão de Abra de Raçonis como se tratando da versão mais próxima de Descartes, esta por sua vez uma radicalização da tese escotista, além de

chegar a classificar como “ambíguo” o papel de Suárez no tocante à extensão entitativa. Cabe lembrar que na sua monografia de 2018, S. Guidi havia identificado Jean de Silhon como mediador do inatismo cartesiano. De assinalar ainda que a posição de Fonseca surge, também neste último capítulo (pp. 231-260), em oposição à solução dominicana, ou melhor, eventualmente a de Capréolo, embora, e na esteira de Domingo de Soto, também em diálogo com Duns Escoto sobre a divisibilidade essencial (não quantitativa) da matéria. Não podemos abordar, por falta de espaço, toda a riqueza desta publicação a que o IEF se associou. Deixemos ao leitor/a a coragem de iniciar uma leitura por difíceis meandros do pensamento ocidental com a garantia de promissoras descobertas e inesperadas revelações. Procurámos, numa breve recensão, dar conta apenas de alguns dos méritos desta obra que ficam a dever-se ao real conhecimento e habilitação de S.G. para ler e interpretar textos e problemáticas assaz intrincadas. É aliás, por isso, que se vem designando esta *forma mentis* como “barroca”, eventualmente na aceção que lhe deram Costantino Esposito e Marco Lamanna num dossiê publicado sobre o tema no “Anuário de História da Metafísica” (2017), a conhecida revista *Quaestio*. “Barroco” ali, e num paradigma mais dinâmico do que doutrinal, designaria antes de mais um “campo de forças” (*campo di forze*) em que se digladiavam filosofia escolástica e moderna, teologia católica e reformada, pensamento continental europeu e escolástica colonial. Parece evidente que esta obra de Simone Guidi se pode situar sobretudo no primeiro campo, em particular enxertando-se na migração ou na inscrição do barroco na metafísica. Todavia, na prática do historiador da filosofia de que Guidi é já um exemplo a seguir, da ambiguidade das soluções detetadas, da complexidade dos diálogos e da variedade dos interlocutores não é fácil vislumbrar uma “arquitetónica”, embora se possam perceber alguns contornos dessa edificação epistémica. Há um “suarezismo”? E será ele “barroco”? Será possível almejar-se a arquitetónica de quem, pensando embora sob o poder de uma autoridade, o fazia apesar de tudo em nome próprio? Terminada a leitura do livro, atrevo-me mesmo a perguntar se não é importante alguma demora na dimensão mais original do “barroco”, isto é na sua “estação artística”, aprendendo algo mais com ela. Explicando-me: não vejo como desprovido de interesse a discussão em volta da categoria do “barroco filosófico” – longe disso! – mas penso que se alguma coisa a prática da história da filosofia nos ensina – e o trabalho de S.G. é disto um excelente exemplo, não me canso de repetir – é que o pensamento filosófico de *um* Suárez (ou de *um* Fonseca, por exemplo), ao mesmo tempo que representa um esforço pessoal ou vitalmente comprometido de apresentar uma solução, de dar resposta a uma época, precisamente a época e o espaço da circunstância singular de cada um desses pensadores, reproduz e assinala, afinal, os contrastes e as contrariedades, o *chiaroscuro*, das perplexidades e da humana fragilidade que a filosofia, primeiro incarna, depois exprime, finalmente aponta e interroga. É isto que faz dela aquilo que ela quer ser, “filosofia”, e a filigrana da exegese de S.G. não o comprova menos, passando da noética à metafísica, da angelologia à temática da quantidade. Numa palavra: antes de se assentar as baterias rapidamente na categoria do

“barroco”, apesar de tudo historiográfica, vale a pena apostar-se na lenta disciplina e metodologia da análise dos contributos e/ou dos problemas singulares, do pensamento singular(izado), como reclamará mais tarde Nietzsche para si mesmo. O que há de commumente barroco, então, entre, digamos, Capréolo, Soto, Fonseca, Suárez, Abra de Raçonis? Simone Guidi sublinhou tantas afinidades quantas (ou ainda mais) divergências. Pessoalmente, a experiência tem-me ensinado que o reclame de um “filum doctrinae” não se opõe ao aviso do *Ecce Homo*: “cuidado, não me confundam com outro!” É de apreciar e louvar, portanto, a exegese minuciosa do autor de *Baroque Metaphysics*. Tantas vezes exemplar, sempre disciplinada, quanto cautelosa nas suas conclusões, ela representa um contributo impossível de ignorar nos estudos suarezianos e augura uma pesquisa ainda por vir pautada pela precisão, pela fidelidade aos textos e, seguramente, pelo rigor. O autor teve ainda o meritório cuidado de traduzir todos os textos latinos citados relevantes para a sua argumentação. Estas características estão presentes na abrangente Bibliografia (pp. 261-292) e de algum modo nos dois índices, onomástico e temático (pp. 293-302), que no entanto ganhariam em ser, aquele completado com os autores modernos, este, revisto.

Mário Santiago de Carvalho

Universidade de Coimbra

Faculdade de Letras – DFCI

Unidade I&D: IEF

Email: carvalhomario07@gmail.com

ORCID: 0000-0002-8257-9962

DOI: https://doi.org/10.14195/0872-0851_60_12